

Erro na reforma atrasa reabertura do HBB

CORREIO BRAZILIENSE

RAIMUNDO

ROBERTO SEABRA e
LUÍS CLÁUDIO ALVES

Depois de quase dois anos em reforma, o bloco de emergência do Hospital de Base (HBB) está pronto, mas não pode funcionar. Apesar da obra concluída, a administração do hospital revelou uma série de problemas que impedem a reabertura imediata do pronto-socorro: faltam equipamentos, remédios e pessoal (médicos e profissionais de enfermagem), além da necessidade de corrigir os erros de construção deixados pela reforma.

A diretora do hospital, Maria Custódia, disse que o setor de emergência não está em condições de receber as centenas de pacientes que há dois anos se amontoam no ambulatório, para onde foi transferido o pronto-socorro quando se iniciou a reforma. "Faltam material cirúrgico, medicamentos, aparelhos de raio-x e mobiliário. Além disso, precisaríamos de mais cem médicos e cerca de 600 auxiliares de enfermagem para fazer funcionar os quatro andares do bloco", observou.

Como se não bastassem todos estes problemas, os médicos res-

ponsáveis pela radiologia descobriram que as macas recém-compradas são maiores que as portas dos consultórios, o que impede o transporte dos pacientes para as salas de tratamento: "Parece piada, mas as macas medem 92 centímetros de largura enquanto que as portas só 85cm", ironizou a médica Ana Maria, chefe do serviço de radiologia do hospital. Apesar do excelente acabamento dado ao prédio, corredores revestidos em fórmica, ar condicionado central e modernos aparelhos clínicos, o bloco da emergência apresenta vários erros na sua concepção, que impedem o pleno funcionamento do pronto-socorro. Esses erros vão desde um galpão de aço inox, inadequado para uma sala de radiografia, até a falta de uma saída de emergência para o setor de telefonia, que se encontra em um verdadeiro beco sem saída do hospital.

Mas o erro mais grave aconteceu no setor de psiquiatria do prédio. As salas destinadas à internação dos doentes mentais são separadas por visores de vidro aramado e janelas que dão para o pátio interno do HBB: "Um paciente pode quebrar os

vidros, se cortar ou pular a janela, essas salas não são adequadas para esse tipo de internação", observou Maria Custódia.

A diretora do hospital acredita que não basta o dinheiro do GDF para que se conclua as obras e se financie um pronto-socorro deste porte. Na sua opinião, é preciso que o Governo Federal injete mais verbas no setor de saúde: "Se fosse pela vontade do corpo médico do HBB, o serviço de emergência já estaria funcionando, mas necessitamos urgentemente desses recursos para reabri-lo", lembrou Maria Custódia.

O governador Wanderley Vallim informou que a inauguração do pronto-socorro ficou adiada para setembro, revendo a promessa que havia feito de terminar a obra no dia 15 deste mês. Segundo o secretário de saúde, José Richelieu, o motivo de tantos adiamentos é a falta de recursos. Ele lembrou que dos 3 mil 700 leitos existentes no DF, 700 estão desativados por falta de verbas: "Além disso, precisamos de diversos equipamentos e não podemos comprar material permanente em grande quantidade sem licitação", justificou.

Ambulatório parece campo de batalha

Num corredor de um metro e meio de largura, que liga o prédio principal do HBB ao serviço de ambulatório, 20 pacientes, em sua maioria velhos e mulheres, recebem os primeiros socorros. São cardíacos, acidentados, gangrenados e anêmicos. O local se assemelha a um campo de batalha, onde os feridos são atendidos sem qualquer estrutura e tudo é improvisado.

O médico Walter Leal, chefe do serviço de emergência, disse que o local foi improvisado para funcionar durante seis meses, prazo inicial para o término das obras do pronto-socorro. Passados dois anos, o ambulatório continua fazendo em média 11 mil consultas por mês, mas realizando apenas 200 cirurgias. "O baixo número de cirurgias é sintomático, nós não possuímos as mínimas condições para manter um sistema de pronto-socorro", admite Leal.

Na ala dos consultórios a situação não é diferente. As salas não possuem ventilação, obrigando pacientes e médicos a suportarem durante horas o mau-cheiro e o calor. Além disso, só existe um banheiro para atender 56 doentes e mesmo assim sem qualquer privacidade, pois no lugar de portas, improvisam-se biombo.

Para Walter Leal, além da falta de estrutura, o sistema de emergência do HBB conta com um problema de prioridade nos atendimentos: "Nós queremos mudar a filosofia do pronto-so-

RAIMUNDO PACCÓ



Ambulatório improvisado atende a 11 mil pacientes por mês

corro, atendendo só a pacientes terciários", afirmou. Segundo ele, a população só deve procurar o HBB em casos realmente necessários, como em acidentes, procurando antes se dirigir aos hospitais regionais e postos de saúde.

O novo bloco de emergência do HBB se divide em quatro andares: pronto-socorro, cirurgia, laboratório e terapia intensiva.

O primeiro andar ainda necessita de 130 paramédicos (enfermeiros, auxiliares e pessoal de serviço geral), além de vários equipamentos, como um tomógrafo computadorizado, um aparelho de hemodinâmica e outro de ultra-som. O serviço de terapia intensiva está ainda mais carente de recursos, necessitando de 250 paramédicos e 40 leitos.

Morte de Tancredo vitimou hospital

A imagem negra criada pelo agravamento do estado de saúde do ex-presidente Tancredo Neves, que acabou levando-o à morte, continua perseguindo o HBB. O episódio serviu para tirar a máscara e revelou um hospital moribundo e caindo aos pedaços. A partir daí, o HBB passou a ser, em todo o País, motivo de escárnio e chacota. Hoje em dia é comum alguém se referir ao Hospital de Base como se estivesse falando de um "matadouro".

As reformas que nunca termi-

nam, contribuem para piorar ainda mais a imagem daquele que deveria ser o melhor hospital de Brasília. Ridicularizando essa situação, alguns políticos costumam dizer que o melhor médico da cidade é o avião. A classe médica critica essa opinião, dizendo que a culpa da falência do setor hospitalar brasileiro é dos próprios políticos que não demonstram empenho e boa vontade para resolver o problema.

Enquanto não se resolve o problema, os humoristas apro-

veitam para fazer troça com o HBB. O Exemplo mais conhecido de gozações envolvendo o HBB foi uma série exibida durante muito tempo pelo programa TV Pirata da Rede Globo. A série chamada "Hospital Geral" fazia referências claras ao hospital de Base, mostrando sempre situações ridículas hipoteticamente vividas em Brasília. Durante muito tempo o programa causou revolta e mal-estar às autoridades brasilienses e aos profissionais da área de saúde.

A lenta e dolorosa agonia

O trágico episódio do presidente eleito Tancredo Neves marcou profundamente o Hospital de Base. O fato trouxe à tona a situação caótica daquele que foi construído para servir de modelo em todo o País. Veja a cronologia da agonia do HBB:

■ 14/03/85 — Um dia antes de sua posse, o presidente eleito Tancredo Neves sente fortes dores na região abdominal e às 21h30 dá entrada no HBB. Às 23h30, Tancredo é submetido à uma cirurgia exploratória.

■ 17/03/85 — O país inteiro volta suas atenções para o HBB, os boletins médicos sobre o estado do presidente eleito são contraditórios.

■ 23/03/85 — Uma equipe médica de São Paulo chega a Brasília para comandar a segunda operação do presidente.

■ 26/03/85 — Mal-entendidos, fofocas, mentiras, erros de avaliação e incompetência marcam os 11 dias de internação do presidente Tancredo Neves.

■ 27/03/85 — Tancredo é removido às pressas para o Instituto do Coração em São Paulo, com um grave quadro de hemorragia interna e infecção hospitalar.

■ 21/04/85 — Tancredo morre em São Paulo e isso dá início à polêmica sobre a situação do HBB.

■ 27/06/85 — O então diretor do HBB rebate as críticas à instituição e diz que a morte de Tancredo não foi culpa do hospital.

■ 15/08/86 — A Secretaria de Saúde cria uma comissão de desativação da emergência do HBB, para dar condições as reformas do setor.

■ 14/09/86 — Começam às reformas do setor de emergência do HBB.

■ 28/09/86 — As obras são paralisadas porque ninguém quer receber os pacientes que precisavam ser transferidos.

■ 13/01/87 — As obras, que haviam sido reiniciadas no final de 1986, sofrem nova para-

lisação porque os pacientes transferidos para outros hospitais começam a ser novamente encaminhados para o HBB.

■ 02/09/87 — A reforma, apesar dos trancos e barrancos, recebe injeção de recursos federais.

■ 16/12/88 — A emergência do HBB é oficialmente fechada e começam, desta vez pra valer, as obras de reforma do setor.

■ 21/01/89 — A direção acredita que após as reformas o hospital voltará a ser modelo.

■ 16/09/89 — O término das reformas, inicialmente previsto para junho, é adiado para dezembro.

■ 07/12/89 — O fim das obras é novamente adiado, desta vez para 31 de janeiro de 1990.

■ 31/01/90 — A conclusão do novo pronto-socorro do HBB é retardada por falta de verbas.

■ 15/08/90 — Marcada para esse dia, a reinauguração não acontece. O secretário da Saúde promete entregar a nova emergência do HBB aos brasilienses no mês de setembro.